

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

ANO 02 | NÚMERO 05 | DEZEMBRO DE 2019

A REVITALIZAÇÃO DA IGREJA LOCAL

 FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA
Preparando Vidas para servir o Reino de Deus

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

Ano 02 | Número 05 • 2019

PRÁXIS MISSIONAL

Ano 02| Número 05 • 2019

Dossiê: A revitalização da igreja local

Editor-chefe: Jonathan Menezes

Conselho consultivo: Jorge Henrique Barro / William L. Lane / Marcos Orison / Wander de Lara Proença / Antonio Carlos Barro

Design gráfico: Daniel Menara

Diagramação: Mauro S. R. Teixeira

Conselho de Referência:

Alan Brizotti

Antonio Carlos Costa

Armando Bispo

Magali N. Cunha

Márcio C. Leal

Maurício Cunha

Robinson Jacintho

Ruth Padilla Deborst

Sérgio Queiroz

Timóteo Carriker

Valdir Steuernagel

Wilson Costa dos Santos

Uma publicação da **Faculdade Teológica Sul Americana**

A Revista Práxis Missional visa contribuir com a prática cotidiana da Missio Dei (missão de Deus) e dos múltiplos ministérios do povo de Deus, priorizando temas relacionados à Teologia Prática (em suas vertentes missional e pastoral), em sua vocação de construir pontes entre uma teologia bíblica e contextual, mais formalmente elaborada, e a prática missionária e ministerial da Igreja e dos cristãos. Prioriza ainda o diálogo com abordagens que reflitam de modo prático sobre problemáticas que envolvem a vida da igreja brasileira e latino-americana.

Correspondência

Editores FTSA

Rua Martinho Lutero, 277 - Londrina-PR – 86055-870 - Tel./Fax: (43) 3371-0200

Endereço eletrônico: contato@praxismissional.com.br

Página na internet: www.praxismissional.com.br

SUMÁRIO

EDITORIAL

A REVITALIZAÇÃO DA IGREJA LOCAL

POR RUBENS MUZIO.....05

ARTIGOS

REVITALIZAÇÃO DE IGREJAS: ORAÇÃO, ENSINO E PASTOREIO

POR RONALDO LIDÓRIO.....09

MINANDO A REVITALIZAÇÃO

POR JOSH LAXTON.....19

QUEBRANDO A BARREIRA DOS 200?

POR RUBENS MUZIO.....35

NASCE UMA IGREJA, MORRE UM GIGANTE

POR SIDNEY COSTA.....49



EDITORIAL

Apresento esta edição da práxis missional sobre “A revitalização da igreja local” em comemoração ao lançamento da REDE, um instituto da FTSA focado na revitalização e desenvolvimento de pessoas e comunidades saudáveis. Com isso, a FTSA deseja se construir pontes de aproximação entre a academia, formação espiritual e prática ministerial. A REDE procurará ajudar líderes, pastores ou membros de igrejas cristãs na revitalização e renovação de sua equipe bem como no desenvolvimento de ferramentas missionais e ministeriais.

O instituto está principalmente preocupado com as rápidas mudanças socioculturais, o envelhecimento dos modelos eclesiais de governança, a superficialidade e estagnação das comunidades religiosas, a ausência de ministérios transformacionais, bem como a dificuldade de mais de 90% das igrejas Latino-americanas de ultrapassarem a barreira dos 150-200 membros.

Respondendo esses desafios, a REDE está estruturada sobre 4 eixos centrais de atuação:

1. REVITALIZAR: a revitalização de igrejas e renovação de líderes
2. DESENVOLVER: o desenvolvimento de práticas missionais e ferramentas ministeriais com vistas a plantação e crescimento integral
3. DIAGNOSTICAR: a produção de pesquisas sociais e ferramentas de medição e monitoramento da qualidade e saúde para a igreja local
4. FORMAR: a capacitação teológico, mentoreamento e cuidado pastoral

O enfoque desta edição, em particular, é tratar do tema da revitalização de igrejas locais. E para isso temos conosco um grupo variado de interlocutores: o missionário Ronaldo Lidório, o coordenador do Lausanne nos EUA

Joshua Laxton, o professor de teologia Rubens Muzio e o pastor Sidney Costa. Eles tratarão do tema com abordagem que refletem sua própria jornada ministerial e teológica.

O missionário Ronaldo Lidório descreve o processo da revitalização de igrejas a partir de Apocalipse 2, refletindo sobre os cenários de adoecimento espiritual bem como propostas bíblicas de abordagem e cura. Para ele, a revitalização acontece a partir da oração, do ensino e do pastoreio.

Joshua Laxton alerta para a trágica realidade do número de igrejas no Ocidente que experimentam a estagnação e o declínio, bem como do pouco impacto que causam à comunidade local. Para Laxton, há várias maneiras com as quais os próprios líderes da igreja podem arruinar o processo de revitalização.

Rubens Muzio aborda quatro grandes desafios que a igreja local enfrenta atualmente: os modelos de igreja rural e urbano, a realidade das igrejas intergeracionais, o sistema pastoral tradicional e as limitações da cultura eclesial organizacional. As respostas que ele sugere focarão na missão, na visão, nas estratégias e na espiritualidade da comunidade.

Sidney Costa testemunha da sua crescente e inovadora igreja Batista de Alphaville, bem como do projeto “Igrejas 21” que apoia 72 pastores envolvidos em 72 novas plantações ou revitalizações de igrejas de várias denominações.

Uma boa leitura a todos!



(Editor convidado)

Rubens Muzio é doutor em teologia pastoral, coordenador de REDE – Instituto de Revitalização e Desenvolvimento de Igrejas, professor da FTSA e missionário da Sepal.

Contato com o autor: rubens@ftsa.edu.br.



GRADUAÇÃO EM **TEOLOGIA ONLINE**

Nossa Missão é ajudar você a cumprir a sua



Venha para a FTSA e tenha uma
experiência que vai mudar a sua vida

☎ (43) 3371-0200  www.ftsa.edu.br

Rua Martinho Lutero, 277 | Gleba Palhano - Londrina - PR



REVITALIZAÇÃO DE IGREJAS: ORAÇÃO, ENSINO E PASTOREIO

Por Ronaldo Lidorio

Deus deseja que a Sua igreja seja saudável e, por isso, “...nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença” (Ef. 1.4).

Diante desse versículo, a motivação para a revitalização de igrejas enfraquecidas não é desenvolver um programa eclesialístico ou efetivar o plano de crescimento proposto pela liderança, mas perseguir o expresso desejo de Deus: ver a Sua igreja fortalecida em Cristo Jesus. A Sua vontade é que sejamos santos e irrepreensíveis e, assim, Ele trabalha dia e noite para que isto aconteça.

De certa forma, revitalização de igrejas é um processo que responde à seguinte pergunta: quais são os cenários de enfraquecimento da igreja local e como tratá-los? Neste capítulo, abordarei essas duas facetas. Primeiramente refletirei sobre os cenários de adoecimento e, logo depois, as propostas bíblicas de abordagem e cura.

1. Cenários de adoecimento

É importante observarmos que diferentes igrejas adoecem de diferentes formas. Em Apocalipse 2, vemos a descrição de Deus sobre algumas igrejas. A igreja em Éfeso possuía uma doutrina sólida, mas perdeu seu primeiro amor. O problema era a sua relação pessoal com Deus (Ap 2.2-6).

A igreja em Pérgamo era fiel e perseverante, mesmo na perseguição, mas possuía problemas doutrinários – seguindo a doutrina de Balaão (idolatria e prostituição). Sua fraqueza era a falta de pureza (Ap 2.13-16). A igreja em Tiatira era fiel no serviço, amor e fé, mas se deixou conduzir por falsas profecias e falsas revelações. O adoecimento corrompeu seu discernimento (Ap 2.19-24).

Também em nossos dias, diferentes igrejas enfrentam diferentes adoecimentos. Há igrejas cujo ponto de fraqueza é a rasa exposição da Palavra nos momentos de culto. Outras, mesmo com rico ensino bíblico, experimentam divisões e problemas de comunhão que carecem de uma intervenção pastoral mais específica.

Há aquelas que compreendem bem a Palavra, mas não a aplicam em casa, no trabalho e na vida. Outras que não compreendem bem a Palavra e inserem em seu meio valores sincréticos e mundanos. Algumas possuem um bom conhecimento bíblico sobre a igreja, mas não sobre a missão, o que faz com que percam o privilégio de ser sal que salga e luz que brilha. Há igrejas que são bíblicas, vivas e missionárias, mas não têm conseguido comunicar a verdade do evangelho aos seus próprios filhos, à nova geração.

Há igrejas totalmente dissociadas do bairro e da cidade onde se encontram, a ponto de poucos saberem de sua existência. E ainda outras se misturam com a sociedade a ponto de perder a sua própria identidade cristã, tornando-se mais influenciadas do que influenciadoras. Também existem igrejas movidas por eventos que, na ausência desses, desconstroem-se. Outras são a tal ponto centralizadas no pastor, e não em Cristo, que na ausência do ministro, a igreja se quebra.

Anos atrás visitei uma igreja Metodista em Toronto, Canadá. Era um lindíssimo templo, mas fui informado que estava a venda, pois a igreja havia morrido. Cerca de 30 anos antes aquela era uma congregação viva com quase 3.000 membros. Passou a ser pastoreada por um ministro que relativizava a singularidade do sacrifício de Cristo e que se opunha à evangelização. Em menos de 3 décadas a igreja se arrastava com sérios problemas doutrinários e de vivência cristã, contando com menos de 50 membros.

2. Identificando as fraquezas

Em um processo de revitalização de igrejas é crucial identificar as fraquezas, bem como as razões do adoecimento. O apóstolo Paulo encorajou, exortou, confrontou e também orientou igrejas locais, tanto pessoalmente, quanto

por mensageiros, e ainda por meio de suas cartas, partindo do conhecimento ou discernimento do estado espiritual dos cristãos. Isso indica a necessidade de observação, oração e vivência com a igreja, a fim de colaborar para o seu crescimento em Cristo Jesus. Tenho percebido que a ausência de uma avaliação mais metódica da vitalidade da igreja local tem sido um dos principais obstáculos à sua revitalização.

Há diferentes formas de se avaliar a vitalidade de uma igreja local.¹ Identifico três mais evidentes na Palavra. A primeira avalia a presença de elementos bíblicos que definem a natureza da igreja, sobretudo os citados no livro de Atos: centralidade na Palavra, vida de oração, comunhão entre os irmãos, testemunho de vida, dedicada diaconia, verdadeiro culto a Deus e proclamação do evangelho (At 2.37-42; At 4.21-24; At 8.1-8; At 13.1-3).

A segunda avalia a vitalidade de uma igreja local a partir da vitalidade espiritual de seus membros, levando-se em consideração especialmente alguns ensinamentos de Paulo: firmeza na fé (1Co 16.13; Cl 2.5), união entre os irmãos (Rm 12.5; Ef 4.16), saúde familiar (Ef 5.33; 1Tm 3.12; Cl 3.20), culto público (Rm 12.1-2; 1Co 11.18-34) e prática missionária (Rm 15.20-21; Cl 1.28; 1Ts 1.5; Fp 2.25).

A terceira avalia a vitalidade organizacional em áreas como liderança, ordem de culto, mordomia e crescimento (1Tm 3; Rm 12; 1Co 14.26-40; Mt 3.8-12; Pv 3.9; Ef 4.28; At 2.47).

Portanto, entendo que a avaliação de uma igreja local, em busca de um diagnóstico de vitalidade, deve passar por critérios bíblicos e eclesiológicos que envolvam a natureza da igreja, a saúde espiritual de seus membros e a vitalidade organizacional.

Uma outra forma de avaliação seria identificar a presença ou ausência das práticas cristãs mais destacadas nas cartas paulinas e nos evangelhos. Há sete práticas repetidamente associadas à vitalidade espiritual: Palavra (leitura

¹ Veja Lidório, Ronaldo. *Revitalização de igrejas – avaliando a vitalidade de igrejas locais*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

e meditação na Palavra de Deus); adoração (individual e coletiva; privada e pública); comunhão (andar com aqueles que amam e seguem a Cristo); oração (vida de diálogo com o Pai em nome do Filho); santidade (intensa e intencional busca por uma vida pura que agrada a Deus); boas obras (sofrer com quem sofre e abraçar o aflito e necessitado); e evangelização (proclamar quem é Jesus e o que Ele fez por nós).

Portanto, a Palavra, adoração, comunhão, oração, santidade, boas obras e evangelização apontam para uma vida cristã fortalecida em Cristo. Identificar a presença ou ausência dessas práticas na vida diária de uma igreja local é um bom exercício de avaliação de sua vitalidade. E sugiro que esse processo seja iniciado a partir da liderança da igreja.

3. O processo de revitalização

Ao observarmos a abordagem de Paulo perante igrejas enfraquecidas e doentes, três atitudes eram constantes: a) Paulo orava e convidava o povo a orar; b) ele ensinava a Palavra confrontando o pecado e consolando o povo; e c) também pastoreava e acompanhava os cristãos, enviando outros a fazerem o mesmo.

Portanto, creio que esse tripé representa, em boa medida, a abordagem de revitalização do apóstolo Paulo: oração, ensino e pastoreio. Logo, há de se destacar que um resultado direto de uma igreja revitalizada (ou em processo de revitalização) era a missão, tendo em vista que há uma profunda conexão entre a vitalidade espiritual e a missão. Quanto mais firmes estamos em Cristo, maior é o nosso envolvimento no propósito de Deus para a Sua igreja perante o mundo.

Como um brevíssimo estudo de caso, proponho observarmos uma enfermidade na igreja de Corinto e a abordagem do apóstolo Paulo.

Deve-se ressaltar, inicialmente, que a cidade de Corinto era uma importante cidade comercial na Grécia e em todo o mundo antigo. Os portos da cidade recebiam centenas de barcos com milhares de marinheiros a cada ano, além

da cidade ser também conhecida por uma diversa religiosidade, abrigando 12 templos. A deusa Afrodite, principal divindade adorada, contava com cerca de mil sacerdotisas que se prostituíam para, com o dinheiro ganho, manter o templo e o culto. Aparentemente, boa parte do misticismo e clientelismo reinantes na cidade influenciava a igreja que ali nascera.

Enquanto em Éfeso, Paulo foi informado sobre sérios problemas na igreja em Corinto. Escreveu a primeira carta para abordar e tratar esses problemas em um processo de revitalização. Ele orou pela igreja (1 Co 1.4), ensinou a igreja por meio de suas cartas e a pastoreou, desejando vê-los (1 Co 16.5-7) e enviando Timóteo para acompanhá-los (1 Co 4.17, 16.10-11)

Paulo foi informado que havia na igreja grupinhos, divisões, e que tais grupos chegaram a se posicionar uns contra os outros abertamente. Essa é uma enfermidade que não apenas abate a igreja, mas possui alto potencial para expandir e corromper toda a comunidade.

Paulo teve conhecimento de todas as divisões, preocupando-se com o conflito interno e denunciando aqueles que diziam “sou de Paulo” ou “sou de Apolo” (1 Co 1.10-12). E perguntou “Acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vocês? Foram vocês batizados em nome de Paulo?” (1 Co 1.13). Como parte do ensino e pastoreio, o apóstolo, após questionar e confrontar a igreja, conclui: “Quem se gloriar, glorie-se no Senhor” (1 Co 1.31)

Nessa passagem, vemos que Paulo identificou a desunião na igreja, a qual se baseava na preferência por lideranças. Identificar o adoecimento é essencial tanto para a oração, quanto para o ensino e pastoreio.

Divisões internas, competitividade e partidarismo geram pelo menos quatro manifestações nocivas: enfraquecem a fé dos salvos em Cristo Jesus; drenam as forças e energias da liderança da igreja; escandalizam o povo de Deus, especialmente os novos na fé; e levam a igreja a se desinteressar pela missão. (1 Co 3.1-9)

Na tríade oração, ensino e pastoreio, a proposta de Paulo para curar a enfermidade das divisões e partidarismo é o chamamento da igreja à centralidade de Cristo como líder, Cabeça da igreja.

Entretanto, a enfermidade da desunião não se manifestava apenas na divisão de grupos com suas preferências de liderança, mas também na inveja e competitividade quanto aos dons espirituais. Havia pessoas com dons mais visíveis e proeminentes na igreja (como o ensino, a pregação e a liderança) e outros com dons e trabalhos com menos destaque. E aparentemente dois problemas surgiram: alguns, com dons mais visíveis e públicos, se tornaram soberbos, colocando-se como superiores aos outros, em detrimento de outros irmãos com dons menos visíveis e públicos, que invejavam os demais ou se sentiam inferiorizados. São problemas sérios: competição interna na igreja; comparação entre dons e talentos; falta de humildade e contentamento.

Paulo mantém o tripé da oração, ensino e pastoreio e, no capítulo 12, afirma que os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo (v.4); o serviço é diverso, mas o Senhor é o mesmo (v.5); e as formas de trabalhar são diferentes, mas é o Senhor quem opera tudo em todos (v.6). Ensina, assim, que cada um receba algo de Deus de forma única, não importando ter mais ou menos destaque, e que tudo que se tem e se faz é para o Senhor, pela graça e poder do Senhor.

Também enfatiza que o Espírito se manifesta como deseja para um fim proveitoso para o Reino de Deus (v.7); somos todos parte do Corpo (se todos quisessem ser olhos, não houvesse ouvidos, como seria?); e foi o próprio Deus quem dispôs os membros, colocando cada um no corpo como lhe aprouve (v.16-18).

4. Qual é o seu papel?

Se você está envolvido com um processo de revitalização de igreja local faça algumas sugestões.

Primeiramente, busque em Deus humildade de coração e um espírito profundamente submisso a Cristo. Envolver-se em um processo de

revitalização, sobretudo ao observar a fraqueza e adoecimento alheios, pode corromper o coração levando-o a julgar, criticar e condenar. Lembre-se que todos os salvos são igualados pelo pecado, pois “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23) e “... vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus” (Ef. 2.8). Somos salvos por Ele e para Ele. Um alerta: envolver-se com a revitalização de uma igreja local com o coração tomado pela soberba ou crítica é delapidar a própria fé e tornar-se uma pedra de tropeço para aqueles que já estão fracos.

Em segundo lugar, busque sabedoria e discernimento de Deus e inicie um processo de identificação das fraquezas e motivos de adoecimento da igreja local. Seja humilde, rejeite qualquer espírito crítico, observe, converse e informe-se. Faça um registro dos pontos fortes e fracos da igreja local que se tornam perceptíveis de forma detalhada. O objetivo neste primeiro passo é conhecer a enfermidade. E lembre-se que identificar os pontos fortes é igualmente importante. Os pontos fortes devem ser valorizados para continuarem a florescer. Já os pontos fracos, precisam ser tratados com amor, na Palavra e dependência de Deus.

Em terceiro lugar, envolva-se e promova o tripé da revitalização: oração, ensino e pastoreio. Ore e convide outros a orar. Ensine ou promova o ensino saudável, amoroso e fiel da Palavra. Pastoreie ou promova o pastoreio e aconselhamento cristão.

Em alguns ambientes, caberá um planejamento detalhado. Em situações assim, sugiro que cinco perguntas sejam respondidas nesse planejamento. A primeira é “qual a fraqueza?”. Liste os principais pontos fracos que devem urgentemente ser fortalecidos. A segunda: “o que deve ser feito?”. Ao lado de cada fraqueza identificada registre as ações que visam tratar e curar, tendo em mente a oração, o ensino e o pastoreio. Em terceiro lugar, “quem fará?”. Cada ação precisa ter um promotor ou responsável. A quarta pergunta é “quando será feito?”. Indica-se, portanto, tanto o prazo quanto a periodicidade. E por fim, “qual o resultado esperado?”. Em outras palavras, o que se espera que aconteça?

Um dos mais lindos resultados de uma igreja fortalecida em Cristo é a missão. Este é um sintoma de vitalidade. Uma igreja fortalecida prega a Palavra, atende aos desafios missionários e se apresenta na sociedade como sal que salga e luz que brilha. Uma igreja fortalecida tem um profundo desejo de fazer Cristo conhecido em todo o mundo.

É importante lembrar que, a rigor, não há plantadores ou revitalizadores de igreja, pois é o próprio Deus quem faz nascer e fortalece uma igreja local. Para isso, Ele também convoca alguns servos para se envolverem com uma intencional busca por vitalidade teológica, espiritual e missionária dos salvos em Cristo. Esses não são chamados para mostrar o caminho da revitalização, mas para percorrer essa estrada juntamente com o povo de Deus. Assim, em todo esse processo, creio que Deus está simplesmente em busca de um coração quebrantado.



Sobre o autor

Ronaldo Lidório é pastor presbiteriano e missionário ligado à APMT e WEC Internacional. É doutor em Teologia pela SATS e plantador de igrejas entre povos indígenas.

Contato com o autor: ronaldo@lidorio.com.br



FTSA

Graduação em Teologia Presencial

Nossa Missão é ajudar você a cumprir a sua

Venha para a FTSA e tenha uma experiência que vai mudar a sua vida

 (43) 3371-0200  www.fts.edu.br

Rua Martinho Lutero, 277 | Gleba Palhano - Londrina - PR



[Práxis 05 (2019) 18-32]

MINANDO A REVITALIZAÇÃO

Por Josh Laxton

MINANDO A REVITALIZAÇÃO

Por Josh Laxton

1. Como os líderes podem arruinar o processo de revitalização nas igrejas locais

Imagine que você tenha passado toda a sua vida escravizado. A liberdade parece inatingível e a esperança, escassa. No entanto, um dia um homem estranho—um fugitivo do Egito—aparece com a mensagem de que Deus o enviou ao Egito para exigir que o faraó libertasse o povo de Deus para que Deus pudesse levá-lo à terra prometida.

Uma esperança que já fora extinta agora começa a ressurgir. A luz da liberdade começa a brilhar.

Durante os próximos dias, o drama se desenvolve, com milagres, pragas, destruição e morte competindo ao seu redor. Quando a poeira assenta, o faraó libera os escravos. Ele liberta você.

Liberdade! Ou é o que você pensava. Não passa muito tempo entre libertação e vingança. Faraó e o seu exército partiram para destruir você e todos os outros escravos libertos. Você volta a sentir medo, pânico e a esperança desvanece.

De repente, no entanto, há uma comoção e as pessoas apontando para o mar. Você olha para cima apenas para ver duas paredes de água—uma à direita e outra à esquerda. Você ouve um grito alto dizendo-lhe para marchar em direção ao mar. Com a adrenalina alta, você entra onde o mar deveria estar, mas em vez de água, você está em terra seca. Você caminha para a frente no lugar onde o mar existia desde a sua criação. Você cruza o mar e chega ao outro lado. Quando todas as pessoas atravessam em segurança, as muralhas do mar desmoronam sobre todo o exército egípcio.

E agora?

Aqui estão—escravos libertos no meio do deserto. *Quem é você, aonde vai e*

como vai chegar lá? Estas são as questões que correm pela sua mente. Dias e semanas passam. A vida é dura. Sussurros e resmungos começam a espalhar pelo acampamento. Esses sussurros ficam cada vez mais altos até se tornarem reclamações para com Deus e Seu líder, Moisés.

Quando você pensa em se juntar às reclamações, o fogo do céu consome uma parte do acampamento e, imediatamente, há um silêncio. A queixa rapidamente se transforma em preocupação.

No dia seguinte, em vez de comer maná, você come carne pela primeira vez. Nada o satisfaz tanto em todo esse tempo. Mas enquanto você saboreia sua codorna, você ouve gritos à distância. Aqueles que tinham desejado a carne obsessivamente começam a morrer. E enquanto essas pessoas estão sendo enterradas, você começa a fazer a conexão que, quando as pessoas se queixam contra Deus e ficam obcecadas por outras coisas além Dele, elas acabam morrendo.

Você pensa para si mesmo que tem que haver um motivo pelo qual Deus libertou você—nós—da escravidão. *Certamente, quando você se senta aí e pondera, tem que haver mais em Deus nos trazendo aqui, além de nos ensinar algumas lições espirituais de vida acerca de reclamações, glotonaria e idolatria.*

Mais ou menos nessa época, você ouve relatos de que Moisés reuniu uma equipe de espionagem. Esses homens vão explorar a Terra Prometida—a terra que Deus prometeu dar aos descendentes de Abraão. Você não ficou tão animado desde o dia em que Moisés apareceu no Egito para compartilhar as boas novas da liberdade e da redenção. Agora, há notícias de uma Terra Prometida—uma terra de onde flui leite e mel—uma terra de bênção, prosperidade e bem-estar.

Finalmente, uma terra para chamar de lar.

Esperar o retorno dos espiões, no entanto, parece levar uma eternidade. Sua alma anseia pela bênção de Deus, pelo melhor de Deus, pela promessa de Deus, pela vida de Deus por você e por Seu povo. Você acredita que o

retorno deles significa que você está um passo mais perto de experimentar o mover e a bênção de Deus.

Depois de 40 dias, as notícias se espalham pelo acampamento que a equipe de espiões está de volta. Todos, incluindo você, se esforçam para ouvir sobre sua fuga e o que Deus tem reservado.

Enquanto as pessoas se reúnem, os espiões colocam suas mãos em suas sacolas e tiram frutos da terra que dão água na boca. Eles descrevem verbalmente como a terra é realmente abundante e frutífera.

No entanto, o que vem a seguir não é o que você esperava ou imaginava. Em vez de palavras positivas e afirmativas, suas palavras estão cheias de negação e proibição: *os habitantes da terra são demais para lidarmos. Eles são simplesmente fortes demais para serem conquistados. Nós nunca entraremos na terra prometida.*

Mas do fundo da multidão há uma outra voz. Um homem, Calebe, diz que o povo deveria ir e tomar posse da terra. Aos olhos de Deus, os habitantes da terra não são páreo para o poder de Deus, Calebe lembra a comunidade. Seu ânimo cresce, apenas para ser eliminado mais uma vez.

Os pessimistas ganham, e assim o medo, a trepidação e a descrença são espalhados por todo o acampamento. Agora, ao invés de se moverem em direção à visão que Deus estabeleceu para o Seu povo, muitos querem retornar à escravidão na terra do Egito. Como resultado, Deus faz um julgamento sobre a comunidade de que ninguém acima dos 20 anos verá e entrará na terra prometida. Você nunca verá essa terra.

Obviamente, esta foi a história dos filhos de Israel esboçada em Números 13 e 14. No entanto, quando nos baseamos na sua relevância contemporânea, podemos comparar o que aconteceu no deserto com o que aconteceu e está acontecendo em muitas igrejas hoje - ou seja, há um vácuo de liderança para defender e proteger a visão do evangelho de alcançar pessoas distantes de Jesus em igrejas em dificuldades, secas e estéreis.

O resultado é que centenas e milhares de crentes passarão grande parte de seus dias na igreja—se não partirem para outra igreja—em mediocridade segura, monotonia e até desnutrição evangélica (missão) com suas almas ansiosas para experimentar a visão de Deus para suas igrejas.

Para abordar o tema de revitalização, este artigo notará a surpreendente realidade de quantas igrejas no Ocidente estão lutando no deserto da mediocridade e da desnutrição, à medida que experimentam a estagnação e o declínio e muito pouco impacto na comunidade. O artigo irá então mostrar como os líderes minam e prejudicam o processo de revitalização. E, finalmente, o artigo concluirá com uma exortação para os líderes escolherem um fim alternativo – de esperança e florescimento, em vez de luta e sobrevivência.

2. Lutando no deserto

As igrejas no Ocidente devem se preocupar com sua saúde e vitalidade. Não mais desfrutando do papel proeminente na sociedade e na cultura, a igreja no Ocidente tem lutado muito nas últimas décadas para manter e até mesmo alcançar novas pessoas. De fato, nas últimas décadas, o protestantismo histórico tem sofrido uma hemorragia.¹ Além disso, muitos evangélicos perceberam a luta que a igreja (em geral) estava tendo para alcançar uma cultura em mudança, o que levou muitas pessoas nas décadas de 1980 e 1990 a mudar sua estratégia metodológica na esperança de alcançar pessoas que deixaram a igreja e também aquelas que estavam longe de Jesus.²

Esta era viu a ascensão de Willow Creek, Saddleback, North Point Community Church e igrejas de estilo similar. Entretanto, alguns praticantes e especialistas em crescimento da igreja, como Aubrey Malphurs, veem a maior parte do crescimento numérico durante o movimento de crescimento

1 Veja Ed Stetzer, “Churches in America—Part 2 (Igrejas na América – Parte 2),” 6 de julho, 2016 The Exchange, <https://www.christianitytoday.com/edstetzer/2016/july/state-of-american-church-part-2.html>

2 Muitos se referem a essa mudança como o movimento “Crescimento da Igreja”, já que muitos líderes da igreja tentaram entender o aumento em termos dos números de convertidos, frequentadores e membros.

da igreja, como resultado principalmente da transferência de membros de uma igreja para outra, em vez de conversões. (Malphurs, 1994, p. 62).

Mesmo que o crescimento numérico tenha sido a realidade de algumas igrejas nas últimas décadas, essa não tem sido a história para a maioria das igrejas estabelecidas.

David Olsen, em *The American Church in Crisis* (A Igreja Americana em Crise), prevê que aproximadamente 55.500 igrejas serão fechadas entre 2005 e 2020 (Olson, 2008, p. 176).

Em *Comeback Churches* (Igrejas Revitalizadas), Mike Dodson e Ed Stetzer acentuam que 70-80 por cento das igrejas norte-americanas sofrem declínio ou estagnação e 3.500-4.000 igrejas fecham a cada ano (Stetzer, 2007, p. 17).³

Frank Page, ex-presidente da Convenção Batista do Sul, observa em *The Incredible Shrinking Church* (O Encolhimento Incrível da Igreja),

De acordo com um relatório especial publicado na *Leadership Magazine*, das cerca de 400.000 congregações no país (EUA), 340.000, ou 85%, estão em patamar ou declinando. Alguns estão em crise, enquanto outros estão se enfrentando bravamente, gratos por não estarem em pior estado do que estão (Page, 2008, p. 8).

Há um aparente movimento eclesialístico de regresso ocorrendo na maioria das igrejas americanas. Em vez de crescer, muitas igrejas estão sofrendo de declínio severo e enfrentando a morte iminente. O estado de eficácia, fertilidade e impacto missional das nossas igrejas no Ocidente é sombrio.⁴

Enquanto muitos defendem a plantação de igrejas como o antídoto para essa infecção mortal das igrejas ocidentais, a questão ainda permanece:

³ Também, em *Breaking the Missional Code*, Ed Stetzer e David Putnam acreditam que 89 por cento de todas as igrejas não estão experimentando crescimento saudável.

⁴ Rick Richardson, na sua obra recente, *You Found Me* (Você me Encontrou), anota baseada na sua pesquisa que somente 10 por cento das igrejas estão crescendo pela conversão.

“Como podemos revitalizar essas igrejas em dificuldades?”

Revitalização não é tarefa fácil. Em *Planting Missional Churches* (Plantando Igrejas Missionais), Ed Stetzer escreve:

Salvar igrejas mortas ou moribundas é muito mais difícil e, em última análise, mais caro do que começar novas. Algumas autoridades até argumentam que mudar uma congregação rígida e tradicional é quase impossível. Como Lyle Schaller indicou, mesmo que seja possível, ninguém sabe como fazê-lo em larga escala ... A revitalização da igreja não acontece muito, mas às vezes acontece. Fiquei impressionado com o quão raramente ocorre... (Stetzer, 2006, p. 11).

George Barna também comenta: “Em muitos casos, tentar revitalizar uma igreja em declínio é provavelmente um esforço desperdiçado” (Barna, 1993, p. 15). Este comentário sagaz vem à luz de quão rigorosa e exigente a revitalização da igreja pode ser. Embora a revitalização seja difícil, é também uma oportunidade para demonstrar o poder do evangelho.

Se o evangelho traz os mortos à vida, não deveria ser capaz de despertar igrejas decadentes e moribundas? Absolutamente! Assim, revitalizar as igrejas é uma tarefa do evangelho.

O que está envolvido nessa tarefa do evangelho de renovar e revitalizar igrejas em dificuldades, secas e estéreis? Muito já foi escrito abordando o que está envolvido na revitalização (por exemplo, a importância de pregar o evangelho, ser um líder que conduz com convicção e coragem, basear tudo na oração, desenvolver paciência para esperar, e abraçar a unidade em torno de uma visão nova ou renovada).

Com um conteúdo teológico e prático tão bom hoje em relação à revitalização, há um elemento nessa tarefa do evangelho que é normalmente negligenciado. Esse elemento é um grupo de líderes que defende e protege a visão de uma igreja revitalizada.

3. Minando a Revitalização

A maioria já ouviu o ditado popular que diz, “Tudo depende do líder”. Com relação à revitalização da igreja, esse conceito não poderia ser mais preciso. Para uma igreja ser revitalizada e renovada, e experimentar saúde, vitalidade, crescimento e multiplicação, é necessário que líderes sejam piedosos, capacitados, tenazes, amorosos, ferozes, pacientes, unidos, humildes e cheios de fé.

Dependendo da governança da igreja, esses líderes podem variar de líderes pagos profissionalmente (funcionários) a leigos (que supervisionam a direção da igreja) aos vários membros dos diversos comitês ou ministérios que ocupam cargos de liderança.

Esses líderes têm nas suas mãos a chave para o futuro revitalizado da igreja, assim como o grupo de espiões tinha a chave para o futuro de Israel na Terra Prometida. O problema para muitas igrejas que precisam hoje de revitalização é que elas não têm a liderança necessária para levar a igreja à terra da revitalização e renovação.

Deixe-me delinear quatro maneiras pelas quais os líderes podem minar a visão de uma igreja revitalizada. Compreender estes pontos irá (1) ajudar os pastores e líderes da igreja a fazer as perguntas certas, à medida que levam as igrejas em dificuldades para a vitalidade do evangelho e (2) impedir que muitos líderes minem o processo de revitalização.

3.1. Primeiro, eles acreditam que está tudo bem.

As igrejas estão condicionadas perfeitamente para continuar fazendo o que estão fazendo. Em outras palavras, os líderes não precisam mudar uma coisa para sustentar sua condição atual. Para muitas igrejas, isso significa um lento vazamento de membros, batismos e finanças, mantendo a imagem de que tudo está bem.

A verdade sobre a revitalização é que toda igreja deve estar constantemente engajada no processo de revitalização. A revitalização de uma igreja é como a

santificação para um crente. Santificação, para um crente é o processo de ser conformedo à imagem de Jesus. A revitalização de uma igreja é o processo de ser condicionado ao testemunho e à missão do evangelho. A revitalização busca centralizar o DNA de uma igreja em torno da mensagem e missão de Cristo enquanto adota métodos e estratégias relevantes e eficazes para o discipulado e evangelismo no seu contexto.

O primeiro passo para a revitalização é o reconhecimento. Uma igreja está precisando de revitalização se:

- Ela teve em média 250 participantes nos últimos dez anos e não plantou uma nova igreja ou enviou pessoas como missionários
- Batize principalmente filhos de membros
- Ela não tem marca na comunidade com relação ao engajamento e interação

O evangelho não chamou igrejas para administrar centros sociais de atividades de desenvolvimento espiritual para os membros; em vez disso, foi chamado para libertar santos para o avanço da missão entre as nações.

A revitalização é prejudicada quando os líderes reconhecem verbalmente que querem crescer e alcançar pessoas distantes de Jesus, mas internamente esperam poder manter tudo igual e ver resultados diferentes.

Uma vez que a visão saia da teoria para a execução, então é aí que o enfraquecimento começa. Em geral, aqueles que minam a revitalização, publicamente estão de acordo com os pastores que expressam a teoria da visão. No entanto, ao executar a visão é quando eles começam a miná-la subversivamente (isto é, uma postura agressiva passiva e linguagem que reduz ou atrasa o crescimento e a mudança).

Isso pode se manifestar de várias maneiras. Abaixo estão algumas declarações que tais líderes podem fazer que expressam que não estão totalmente de acordo com as mudanças de revitalização:

- “E se não fizéssemos nada?”
- “Vamos esperar por um tempo”.
- “Vamos pesquisar mais sobre o assunto”.
- “Nós realmente precisamos fazer essa mudança? Fazemos assim há anos”.
- “Vamos chamar outras pessoas para saber suas opiniões”.
- “De acordo com nosso estatuto, não é uma decisão nossa”.
- “Eu não estou confortável com isso”.
- “O pastor está sendo muito apressado.”

Para que a revitalização ocorra, precisamos de conversas, diálogos e discussões robustas. Certamente haverá momentos de pausa para que a equipe possa orar mais e fazer mais lição de casa. No entanto, a resistência contrária vem daqueles indivíduos que secretamente têm um problema com a trajetória geral da revitalização. Agora que a revitalização está mudando do conceito para a implementação, eles estão vocalizando sua oposição de formas subversivas. Como resultado, a revitalização é prejudicada por uma temporada ou indefinidamente.

3.2. Em segundo lugar, esses líderes simpatizam com reclamantes e pessimistas.

Os líderes da igreja devem ter uma disposição amorosa e carinhosa quando se trata de outros. O amor deve ser o fator motivador em tudo o que fazemos. Jesus mesmo disse: “Ame o Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua mente ... Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22.37, 39). Naturalmente, estes são os dois maiores mandamentos. Até mesmo Paulo, em sua carta aos crentes efésios, abordou como o corpo da igreja deveria se edificar em amor (Ef 4.16).

A revitalização testa a compreensão bíblica do amor. Ela tende a incitar reclamantes e pessimistas que não gostam de mudanças e estão acostumados e preferem o status quo. Estes queixosos procuram alguém que tenha a capacidade de parar o que lhes causa desconforto. Como tal,

eles se aproximam dos líderes que vão ouvir e simpatizar com eles, dando plataforma e credibilidade à sua reclamação. Com toda a justiça, muitos desses líderes estão simplesmente tentando amar bem essas pessoas. Apesar disso, seu ato de amor prejudica a tentativa da igreja de revitalizar.

Deixe-me compartilhar uma analogia. E se uma criança vier a um pai e começar a reclamar sobre a comida saudável que foi colocada diante dela? E se ela insistir em ter uma dieta de batatas fritas e sorvete no café da manhã, almoço e jantar? Um pai empático pode entender a frustração do seu filho, mas deveria ensiná-lo que sua dieta precisa ter alimento saudável como fundamento. Enquanto a criança ainda pede sempre batatas fritas e sorvete, pelo menos o pai amoroso gasta tempo para se envolver e explicar como seu filho deveria se alimentar de uma maneira saudável.

A fim de manter a calma e numa ilusão de ordem, um pai simpático, por outro lado, vai trabalhar para aliviar os sentimentos de desconforto de seu filho. Portanto, ele cederá às demandas. Ao fazer isso, o pai deu credibilidade e validade à alimentação desejada pela criança.

Você consegue adivinhar qual é o ato de amor altruísta e o egoísta? O ato altruísta do amor está tomando o tempo para compreender a criança e entrar em um diálogo e discussão sobre os sentimentos da criança e o porquê do pai escolher colocar esse tipo de refeição diante dela. O ato egoísta do amor é o pai simpático que se sensibiliza pela criança, mas porque não quer mais ouvir a queixa, cede à demanda da criança, minando assim a própria saúde da criança.

Esse tipo de amor egoísta acontece o tempo todo em igrejas que precisam desesperadamente de revitalização.

3.3. Em terceiro lugar, esses líderes acreditam que o custo é grande demais para eles.

Quando a maioria dos espíões olhou para a Terra Prometida, eles viram um custo muito alto para avançar. Seu padrão de progresso tornou-se o povo da terra em vez da promessa da terra. Em outras palavras, o medo de perder a vida superou a fé de viver a promessa de Deus.

Muitos líderes dentro das igrejas que precisam de revitalização permitem que o medo de “e se” impedir a fé de “o que poderia ser”. Outra maneira de colocá-lo, eles matam o “uau!” com um “como?”. Há pelo menos três áreas onde o medo ou o custo do primeiro supera a fé do último.

Primeiro, o custo de abandonar as preferências metodológicas se revela caro demais para os líderes que minam a revitalização. Métodos preferenciais, como estilo de pregação ou música, estrutura de pequenos grupos, filosofia do ministério infantil, ou uma estratégia para engajar a comunidade provam usufruir mais de uma raiz primária do que terciária para o coração.

Como resultado, quando uma decisão é trazida à mesa para mudar a estrutura e a estratégia, a fim de ser mais eficiente e eficaz em alcançar pessoas distantes de Jesus e discipulá-las à Sua imagem, essa decisão é enfrentada pela oposição de líderes que estão tentando em última análise, preservar seu modo de vida religioso e adoração, em vez de fazer o que for preciso para avançar as boas novas de Jesus.

Segundo, o custo de deixar amigos com quem se cultuou durante anos revela-se caro demais para os líderes que minam a revitalização. Quando se trata de revitalização, nem todos entrarão no barco.

As mudanças podem ser demasiadas para alguns por qualquer motivo. Em muitos casos de revitalização, tenho visto pessoas deixarem suas igrejas e se afiliarem a outras. E em alguns desses casos (enquanto eles não reclamam publicamente ou expressam sua opinião em nome da paz na igreja), eles confiam aos líderes da comunidade que eles estão partindo para buscar a membresia em outro lugar porque não gostam da nova direção.

Esse êxodo de pessoas (especialmente aquelas que os líderes conhecem há anos) desencadeia um alarme de pânico, fazendo com que os líderes se afastem do avanço – recaindo assim para o passado. No final, ninguém ganha, já que aqueles que partem tendem a se afastar e a igreja para de avançar à nova direção que o Espírito está incentivando.

Terceiro, o custo de abrir mão da segurança e proteção do ambiente da igreja acaba sendo caro demais para os líderes que minam a revitalização. Quando uma igreja se torna um veículo para missão—alcançando pessoas longe de Jesus—ela será um grupo que recebe, não que afasta novas pessoas.

Novas pessoas que se juntam mudam a dinâmica da igreja. Tais mudanças deixam as pessoas desconfortáveis. Alguns membros podem até expressar negativamente que a igreja não é mais como antigamente. Alguns podem dizer que sentem que não têm mais voz. Alguns podem dizer que sentem que sua igreja foi roubada deles.

Em qualquer caso, os líderes que minam a revitalização começam a lutar pelo “conforto” dos membros de muitos anos. Como resultado, eles sugam a vida da visão.

3.4. Em quarto lugar, eles não confiam no processo.

Revitalização, como dito anteriormente, é basicamente uma forma corporativa de santificação. Assim, é um processo de ser corporativamente formado e moldado no corpo de Cristo. Tal processo incluirá altos e baixos, celebrações e confrontos e oportunidades e obstáculos. Aquelas igrejas que experimentam com sucesso a revitalização (e, portanto, o avivamento) são aquelas que têm líderes que confiaram no processo.

A chave para confiar no processo é conhecer a promessa de Deus (visão prometida) para quem Ele quer que você seja e para o que Ele o chamou a fazer. Em outras palavras, é imperativo ancorar o processo de revitalização à glória e ao reino de Cristo, e não à experiência e às exigências do povo.

Quando o primeiro acontece, os líderes abandonam o navio em vez de estabilizar o navio no meio da tempestade. No processo de revitalização, não é que a voz das pessoas não importe, é apenas que a visão de Cristo para a Sua igreja é mais importante.

4. Um final alternativo

Eu li um artigo que revelou como os finais dos filmes *Star Wars: O Retorno de Jedi* e *Rocky I* foram alterados.⁵ O final original de *Star Wars: O Retorno de Jedi* tinha Han Solo morrendo. O final original de *Rocky I* fez com que Rocky recebesse dinheiro para perder a luta contra o Apollo Creed. Se você viu um dos dois filmes, Han Solo é um dos heróis da rebelião contra o império e Rocky venceu (de forma motivacional) o Apollo Creed. Ambos são finais gloriosos.

Hoje, muitas igrejas que precisam de revitalização estão experimentando um final mais trágico que os finais originais de *Star Wars: O Retorno de Jedi* e *Rocky I*. Tais finais são muito semelhantes ao fim dos filhos de Israel em Números 14 por causa dos dez espões que deram um relatório negativo.

No entanto, podemos mudar os finais das histórias das igrejas que precisam de revitalização. Os finais podem ser muito mais encorajadores e gloriosos do que poderíamos imaginar. É claro que, para que isso aconteça, haverá necessidade de persistência na oração, na base da palavra de Deus, no compromisso com o evangelho e na paixão pela missão. Mas, além disso, como este artigo argumentou, será necessário que um corpo de líderes apoie, ao invés de minar, a visão dada por Deus de avançar. A terra prometida aguarda.

Bibliografia

BARNA, George. *Turn-Around Churches* (Ventura, CA: Regal Books, 1993).

MALPHURS, Aubrey. *Vision America: A Strategy for Reaching a Nation* (Grand Rapids: Baker Books, 1994).

OLSON, David T. *The American Church in Crisis* (Grand Rapids: Zondervan, 2008).

PAGE, Frank. *The Incredible Shrinking Church* (Nashville: B&H Publishing, 2008).

⁵ Stacy Conrath. "The Alternate Endings of 28 Movies." Mental Floss, July 29, 2014. Acessado em 28, de junho 2019. <http://mentalfloss.com/article/58013/alternate-endings-28-famous-movies>.

STETZER, Ed. *Planting Missional Churches* (Nashville: B&H Publishers, 2006).

STETZER, Ed and Mike Dodson. *Comeback Churches* (Nashville: B&H Publishing, 2007).



Sobre o autor

Josh Laxton é PhD. Diretor Assistente do Billy Graham Center & Coordenador do Lausanne para a América do Norte.

Contato com o autor: joshua.laxton@wheaton.edu.



PÓS-GRADUAÇÃO

ONLINE NA FTSA

ESPECIALIZAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO
PARA ENFRENTAR NOVOS DESAFIOS



[Práxis 05 (2019) 34-46]

QUEBRANDO A BARREIRA DOS 200?

Por Rubens Muzio

QUEBRANDO A BARREIRA DOS 200?

Por Rubens Muzio

1. Introdução: O grande potencial das pequenas igrejas locais

As igrejas brasileiras, em sua maioria, são pequenas, rapidamente envelhecem, dificilmente crescem com qualidade e precisam urgentemente de revitalização. Apesar de conhecermos alguns grandes ministérios na vizinhança ou pela mídia, o tamanho médio da igreja local no Brasil não ultrapassa os 200 participantes. Como a igreja evangélica expandiu-se numericamente nos últimos anos, era de se esperar que o tamanho das comunidades locais também crescesse significativamente. Mas isso não aconteceu.¹ Os dados são melhores que as igrejas americanas. Lyle Schaller descreve a média de frequência dos cultos das seguintes denominações, nos EUA (Schaller, 2004, 209):

- Assembleias de Deus: 97 participantes.
- Conferência Geral Batista: 110 participantes.
- Igreja dos irmãos: 58 participantes.
- Igreja do Nazareno: 66 participantes.
- Igreja cristã (Discípulos de Cristo): 71 participantes.
- Igreja Episcopal: 79 participantes.

¹ Podemos usar a média conservadora de 185 pessoas por igreja até que haja uma nova avaliação nacional do tamanho médio das igrejas e sua frequência dominical. As pesquisas realizadas pela Sepal em 2002, tanto em grandes cidades, como cidades do interior e vilarejos já indicavam que os 6,5% da população brasileira que se dizia evangélica e frequentava os cultos num típico domingo, correspondia a 70 pessoas por igreja. Existem obviamente igrejas com frequência muito maior, mas também existem igrejas com frequência muito menor que essa. Logo, 70 pessoas seria a média estimada de pessoas presentes num culto aos domingos. Naquele mesmo ano, a porcentagem de evangélicos no Brasil era 17,22%. Os pesquisadores da Sepal perguntaram então: se 70 pessoas correspondem a 6,5% de evangélicos que frequentam os cultos aos domingos, 17,22% da população evangélica representa quantas igrejas? Dividindo 17,22 por 6,5 e multiplicando por 70. O resultado foi o número de 185,44. É importante lembrar que à medida que o número de evangélicos cresce, a razão membros/frequência tende a cair. Além disso, o número de nominais que não frequentam igrejas tem aumentado significativamente diminuindo mais ainda o tamanho médio. Lourenço Kraft esteve à frente dessa pesquisa na época. Além desse autor, trabalharam por vários anos no departamento da Sepal Eunice Zilner, Oswaldo Prado e Luis André Bruneto.

- Igreja Evangélica do Pacto: 98 participantes.
- Igreja Evangélica livre na América: 135 participantes.
- Igreja Evangélica Luterana na América: 100 participantes.
- Igreja Metodista livre: 56 participantes.
- Igreja Luterana do Sínodo de Missouri: 125 participantes.
- Igreja Presbiteriana na América (PCA): 98 participantes.
- Igreja Presbiteriana (PCUSA): 74 participantes.
- Igreja Reformada na América (RCA): 112 participantes.
- Convenção Batista do Sul: 70 participantes.
- Igreja Unida de Cristo: 74 participantes.
- Igreja Metodista Unida: 53 participantes
- Igreja Wesleyana: 59 participantes
- Igreja Evangélica Luterana do Sínodo de Wisconsin: 93 participantes

Mesmo que a igreja não ultrapasse a barreira dos 200 participantes (há excelentes igrejas pequenas e não estou aqui advogando o crescimento meramente numérico), como desenvolver uma comunidade de discípulos de Jesus com qualidade bíblica e maturidade espiritual que esteja hábil para lidar com as profundas transformações sociais e culturais?

Na sua maioria, as igrejas locais funcionam como grupos sociais semifechados, com famílias amigas e conhecidas que participam dos ministérios locais semanalmente e se envolvem com reuniões departamentais há décadas. Mesmo que sejam grupos amigáveis de boa afinidade, essas comunidades não conseguem lidar com o envelhecimento nem compreender as mudanças sociais e culturais. Sem perceberem, essas comunidades apoiadoras têm imensas dificuldades para aceitar os visitantes, receber novos participantes e desenvolverem-se estruturalmente. Estão repletas de pessoas bem-intencionadas que, apesar de se reunirem nos finais de semana para os cultos e pequenos grupos, meramente se refugiam do stress social e buscam apoio

emocional ou espiritual. Raramente se preocupam com sua participação efetiva no Reino de Deus na sociedade onde estão inseridos.

Neste artigo, eu quero apontar quatro desafios que demonstram a importância do tema. Dois desafios são externos: 1) A tensão entre o modelo de igreja rural e urbano e 2) a realidade das igrejas multigeracionais. E dois desafios são internos: 1) o modelo pastoral tradicional e 2) a limitações da cultura organizacional. As respostas que irei sugerir irão focar na missão, visão, estratégias e espiritualidade da igreja local.

Meu propósito aqui é ter um diálogo franco e honesto em busca da energia e vitalidade para o desenvolvimento de líderes e igrejas, considerando os desafios do envelhecimento bem como as exigências geradas pelos complexos processos de revitalização dos modelos eclesiais atuais e da necessidade da criação de novos modelos de ministério que acompanhem as mudanças sociais e culturais.

2. Quatro Desafios

2.1. A complexidade das cidades urbanizadas

Era comum na infância encontrar na sala de uma casa evangélica do interior o quadro dos “dois caminhos” O caminho da direita, do inferno, era a cidade, teatro, bancos, restaurantes, entretenimento, pessoas reunidas, e assim por diante. O caminho da esquerda, do céu, era dos campos, árvores, sol, poucas pessoas. A ideia da cidade como um local hostil, secular, impuro ainda permanece hoje nas pequenas igrejas.

Me recordo de o Dr. Charles Van Engen iniciar uma série de preleções sobre missão urbana, na FTSA com as seguintes palavras: “As cidades são o principal campo missionário do século XXI”. Sua afirmação é uma verdade inquietante expressa por vários missiólogos.²

² Veja Charles Edward van Engen, *Transforming Mission Theology*, 2017. Compare com Raymond J. Bakke, *The Urban Christian : Effective Ministry in Today's Urban World* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1987) e Roger S. Greenway e Timothy M. Monsma, *Cities : Missions' New Frontier* (Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 2000).

A urbanização é um fenômeno mundial. Cerca de metade da população mundial mora em cidades. Na década de 60, a população urbana representava 34% da população do planeta. Esse número saltou para 44% em 1992. Estima-se que 61,01 % da população mundial viverá nas cidades até 2025. Além disso, há cerca de 30 megacidades com uma população igual ou superior a dez milhões de habitantes. Tóquio, Mumbai, Jacarta, Karachi, Lagos e São Paulo são apenas alguns exemplos de cidades que ultrapassam os 20 milhões de habitantes.

Contudo, a cidade não consiste apenas de pessoas e problemas sociais, mas sim uma intrincada concentração de valores, culturas, cosmovisões, sonhos, problemas sociais e estruturais. Olhando sob essa perspectiva, é possível entender que a cidade deixou de ser um conceito geográfico e passou a ser um conceito sociológico. As pessoas hoje vivem nas cidades em pequenos grupos culturais, tentando manter as tradições recebidas e inserindo outras que adquiriram ao longo de sua vida. Portanto, os centros urbanos são complexos mosaicos, crescentemente resistentes aos métodos evangelísticos tradicionais usados pelas pequenas igrejas do interior. A igreja precisa estar consciente que o mundo atual exige novos modelos de ministério sensíveis às mudanças socioculturais causadas pela urbanização.³

2.2. A realidade dos ambientes eclesiais intergeracionais

Sabemos que as igrejas têm pessoas pertencentes a vários grupos etários que demonstram valores e prioridades divergentes e que também representam diferentes cosmovisões e formas de pensamentos. Eles são chamados pela literatura de *seniors*, *builders*, *baby boomers*, *geração X*, *Y*, *Z*, etc [footnote examples]. Os mais idosos da igreja são os *seniores* nascidos antes de 1925, os *builders* (construtores), entre 1926 e 1945 e os *baby boomers* nascidos com a explosão demográfica após a segunda guerra mundial. Infelizmente não teremos tempo de detalhar cada uma, mas é suficiente dizer que são gerações que inventaram a teoria da administração e concentraram-se nas estruturas

3 Veja José Paulo Pietrafesa, “A Interface Do Rural Com o Urbano Na Região Centro Oeste Do Brasil,” *Revista Educação & Mudança*, no. 15 (2013): 129–43; Manuel Castells, *A Questão Urbana* (Paz e terra, 1983); e Milton Santos, *A urbanização brasileira*, vol. 6 (Edusp, 2005).

corporativas, normas, burocracia, hierarquias, produção, sucesso e assim por diante. A mulher raramente obteve espaço neste mercado profissional. Além de representam uma porção significativa dos pastores das igrejas tradicionais, eles ocupam várias das posições de liderança e influência nos conselhos e ministérios.

A *geração X* representa as pessoas nascidas aproximadamente entre 1965 e 1980 que, diante das transformações históricas e culturais causadas pela guerra fria, Vietnã, queda do Muro de Berlim e dos grandes estadistas, dentre muitas outras, possuem uma visão claramente contrária à dos padrões estabelecidos pelas gerações anteriores. Essa é a geração que experimentou a MTV, Apple, Microsoft, Tartarugas Ninja, He-Man, Disney Magic Kingdom, Blade Runner, cultura hippie e assim por diante. Inúmeras novidades e mudanças fizeram com que nós (e aqui eu me coloco dentro dela) participássemos de uma completa ruptura ideológica e social com as gerações anteriores. Com a internet e e-mail, essa geração, onde a mulher também encontrou seu espaço no mercado de trabalho, inventou novas metodologias e velozes formas de comunicação e gerenciamento. A geração X, apesar de representar uma geração de líderes que plantou novas comunidades e participou ativamente do movimento evangelísticos brasileiro, divide-se em vários conflitos de influência e poder com os *seniors*, *builders*, *baby boomers* na liderança das igrejas locais.

Por outro lado, a geração *Millenials (Y)*, das pessoas nascidas entre 1980 e 1998 aproximadamente, está ocupando um grande espaço no mercado de trabalho e reinventando o conceito de civilização. Eles conheceram os Power Ranger, Orkut, o Rei Leão, Matrix e cresceram em meio aos twitters, ipods, iphones e androids. Boa parte da vida eles viveram num mix de mundo real e virtual, conectados ao mesmo tempo à família e à internet, escola, amigos no MSN, Facebook e reuniões pelo Skype. Por outro lado, priorizam o entretenimento e relacionamentos, restaurantes, shows, PS4 ou Xbox e fortes grupos sociais online. A busca por propósito, felicidade e equilíbrio em todas as áreas é mais importante que emprego, salário ou escritório. Sem sombra de dúvida, a geração *Millenials* está transformando

a sociedade e a forma como países, organizações e empresas funcionam. Logo em seguida, vem a chamada geração Z, das pessoas que nasceram após 1998 com internet banda larga, google, smartphone, jogos online, e uma série de outros aparelhos eletrônicos. Com acesso e velocidade a um volume incalculável de informações a que nenhuma outra geração teve lhes dá um potencial enorme para as próximas décadas. Eles, sem dúvida terão uso pleno das tecnologias, serão mais focados e conseguirão executar múltiplas atividades com mais qualidade.

Portanto, as igrejas contemporâneas reúnem no mesmo espaço representantes de múltiplas mentalidades *seniors, builders, baby boomers, geração X, Millenials e Z*. Como lidar com suas diferenças intergeracionais? Eles se conectam com o mundo de forma diferente. Seus valores, propósitos, relacionamentos e prioridades são infinitamente diversificados e especializados.⁴ Como tratar temas como a globalização do mercado, novas tecnologias de informação, alta competitividade, demanda por qualidade, crescentes exigências dos fiéis, estilos de culto, prioridades financeiras e mudanças na cultura organizacional?

Igrejas precisam ter consciência da tensão e desacordo que pode ser causado pelas diferentes mentalidades, valores e desejos que distanciam as diversas gerações. Para sobreviver e crescer, as igrejas precisam ouvir, compreender e receber em seus círculos de liderança e influência ministerial especialmente os novos líderes e expoentes das gerações X e Millenials. As igrejas pós-modernas precisam construir novos modelos de cultos intergeracionais (sensível as diversas gerações), educação bíblica intergeracional (não mais dividida por faixa etária), células e pequenos grupos intergeracionais (não apenas por afinidade, mas que engajem a família inteira: avôs, pais, filhos e netos), missão intergeracional (focada no alcance de todos os grupos sociais) e liderança intergeracional (com representantes influentes das gerações X, Millenials e Z).

⁴ Veja Elisabeth A Nesbit Sbanotto, *Effective generational ministry: Biblical and practical insights for transforming church communities* (Baker Academic, 2016); and Holly Catterton Allen e Christine Lawton, *Intergenerational Christian formation: Bringing the whole church together in ministry, community and worship* (Intervarsity Press, 2012).

2.3. A mentalidade de igreja pequena

O modelo em que a maioria das igrejas ainda se encaixa é aquele em que quase todas as expectativas de cuidado pastoral recaem sobre um profissional treinado para isso (e em alguns casos sobre líderes leigos treinados). Acima de todos, o pastor é a principal fonte de primeiros-socorros para as famílias da comunidade. A expectativa (e talvez até mesmo a obrigação) é que ele participe da maioria das reuniões dos ministérios, comissões, departamentos, grupos de oração, visitas aos enfermos e festas de aniversário. Seu ministério principal é atender as necessidades dos membros (que “pagam” o seu salário). Mesmo que não mais resida no fundo do templo, sem qualquer privacidade para sua família, sua disponibilidade e acessibilidade ainda devem continuar a ser totais.

O pastor de uma igreja pequena dedicado, despojado e preocupado com sua performance, tem dificuldade para descentralizar suas ações ministeriais, com os poucos líderes da sua comunidade. Sua habilidade para planejar, delegar e treinar novos líderes é limitada, preferindo fazer por si mesmo do que esperar que outros façam. Ele precisa jogar em todas as posições do time: defende como goleiro, corre para o meio de campo, avança para o ataque, cabeceia para o gol e volta rapidamente para a defesa. Com tendência (e necessidade?) ao ativismo, ele frequentemente se sente cansado, estressado e desanimado. Esta expectativa da função do pastor, comum nas pequenas e médias igrejas, impede o crescimento da igreja, diante da impossibilidade de um ser humano conseguir pastorear com eficiência mais de 100 pessoas.⁵

2.4. Os modelos de cultura governamental

O sistema de governo das igrejas é centralizado, sem compartilhamento de decisões e responsabilidades, funciona eficazmente somente em pequenas e médias comunidades e sobrecarrega a função pastoral. Em geral, 99% das decisões da igreja menor são tomadas por um grupo mais experiente de líderes leigos. Eles (as) representam algumas das famílias mais tradicionais

⁵ Veja Robert R Douglas, “A Comparison of Resistance and Openness to Change in Church Leadership and Church Growth through the 200 Barrier”, 2019.

e pessoas de influência e podem exercer o cargo de presbítero, obreiro ou diácono. Com o crescimento e o aumento da demanda de trabalho e decisões, este pequeno grupo não mais consegue gerenciar com agilidade os ministérios. Não é comum que compartilhem suas posições de liderança ou deixem seus cargos com a chegada de novos líderes promissores. Por vezes, decidem aumentar o número de membros do conselho ao invés de descentralizar suas ações. O problema continua e as reuniões administrativas se tornam mais cada vez mais complexas e conflituosas.

Além disso, o pastor (tempo integral ou parcial) precisa reconhecer e respeitar o domínio invisível que esse grupo dos principais acionistas e investidores majoritários exerce sobre a comunidade. Eles controlam os recursos—dinheiro, influência e permissão. Embora tenham contratado o pastor para liderá-los, na verdade não é isso que querem. Eles provavelmente chamaram o pastor para realizar as tarefas que não conseguem ou querem fazer. Mesmo que a igreja esteja crescendo, novos pastores levarão anos até que eles estejam dispostos a mudanças significativas no status quo. Novos pastores frequentemente optam por cuidar melhor dos mais novos, falhando em dar a liderança ou negligenciando os líderes mais velhos. Quem tem a maior capacidade para machucar o pastor? Os acionistas majoritários. Eles têm as chaves da cozinha, do templo e do orçamento financeiro. Como Andrew Cave disse, a cultura organizacional pode devorar a estratégia no café da manhã.⁶ A resistência às mudanças, a sabotagem das estratégias e a centralização do poder de decisões é, de fato, responsável pela saída de inúmeros pastores, líderes e famílias.

Portanto, precisamos ter consciência dos fatores externos (a complexidade das cidades urbanizadas e a realidade dos ambientes eclesiais intergeracionais) bem como dos fatores internos (a mentalidade de igreja pequena e a cultura governamental) para que possamos experimentar a revitalização e renovação da igreja local.

⁶ Andrew Cave, “Culture eats strategy for breakfast. So what’s for lunch”, *Forbes*, available at: www.forbes.com/sites/andrewcave/2017/11/09/culture-eats-strategy-for-breakfastso-whats-for-lunch, 2017.

3. Como ajudar a igreja local a ser revitalizada e desenvolver-se de forma saudável diante dos desafios externos e internos?

Eu quero propor com brevidade quatro elementos indispensáveis para a revitalização e desenvolvimento da igreja.

3.1. Espiritualidade

Em primeiro lugar, a comunidade precisa refletir sobre sua espiritualidade, em particular, revitalização e sua conexão direta com avivamento. Pastores e líderes devem examinar cuidadosamente a vida cristã da comunidade em seus cultos e ministérios por sinais de apatia, esterilidade e frieza espiritual. Vivemos uma vida piedosa e consagrada? Estamos submissos à Palavra e na dependência do Espírito? Servimos como discípulos de Cristo, obedecendo seus princípios no sermão do Monte, por exemplo? Temos prazer e alegria em fazer a vontade de Deus? Busquemos o Senhor e oremos por avivamento e revitalização. Avivamento é a cura de Deus para a nossa letargia moral e espiritual, para as deficiências espirituais, psíquicas, morais e sociais que não estariam presentes se o cristianismo real fosse praticado. Avivamento é o derramamento do poder de Deus que frequentemente leva a maior dedicação e compromisso com Deus, a leitura de sua palavra e a oração. Lembremos de sua promessa: “Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de santo. Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.” (Is. 57.15).

3.2. Missão

Em segundo lugar, a missão precisa ser revisitada. A missão da igreja local deveria responder à seguinte questão: por que nós existimos? No atual contexto sociocultural, é fundamental que a missão aponte para uma igreja robusta teológica e espiritualmente, que busque ser um referencial no pensamento bíblico e missiológico, bem como na formação e treinamento de líderes. A missão, portanto, precisa estar fundamentada numa sólida base bíblica e sobre um conjunto de valores teológicos. Quando bem

articulada, a missão afirma claramente: “Quando pensamos em nossa igreja, isto é o que nos representa, é o que realmente somos acima de tudo, esta é nossa identidade, estes são os principais temas e passagens bíblicas”. Ele poderá incluir uma declaração da fé, crenças e doutrinas. Esta declaração fundamenta a filosofia de ministério e prática de vida para uma igreja local.

Missão deve ter caráter sistêmico e integralizador, compreendendo a totalidade de todas as experiências do ser humano, em seu contexto e história. Sua finalidade envolve a reconciliação de todos os eleitos e a restauração de toda a criação. Ele espera ver nosso esforço em melhorar este mundo imperfeito, agredido e ferido pelo pecado. Quando servimos ao mundo, procuramos transformar as suas situações imperfeitas, ministrando às suas feridas sociais e restaurando as suas dores culturais. Assim, promovemos a reconciliação, o amor divino e a paz social – desde o indivíduo e suas necessidades pessoais, até a família e as cidades a nível sociocultural em direção a toda criação – e exercemos o dom de Deus, num verdadeiro processo de transformação da realidade dominante. Um bom plano de ação é baseado no desenvolvimento de uma clara compreensão da missão, do propósito da Igreja. Missão é para uma organização o que o leme é para o navio: uma força estabilizadora que resiste ao desvio da direção pretendida.

3.3. Visão

Em terceiro lugar, um projeto de revitalização e desenvolvimento da igreja levará ao engajamento com uma nova visão: Aonde queremos chegar? A visão de ontem não mais funcionará hoje diante das rápidas mudanças da sociedade globalizada. Revise anualmente sua visão. O futuro almejado é uma figura, quadro ou fotografia de como gostaríamos que a igreja estivesse daqui a alguns anos, contando que Deus dirija e abençoe este projeto. Os líderes da igreja devem se dispor a investir suas vidas nos próximos anos neste sonho. Não podemos fazer todas as coisas. Precisamos focalizar a visão que esteja fundamentada nos valores e missão da igreja local. Visão afirma: “vamos fazer bem apenas algumas coisas”. As perguntas-chaves são: com que se parece nossa visão do futuro? Qual será a cara da comunidade daqui a 5-10 anos com a plantação e crescimento de uma igreja saudável na área? Com

o que desejamos que o nosso ministério se assemelhe se Deus abençoar e o dinheiro não for um empecilho? Se um jornal local fosse fazer uma matéria descrevendo a igreja, o que gostaríamos que ele dissesse a respeito?

Pensando numa visão compreensível que responda aos desafios externos e internos, a igreja local precisa ser contemporânea, missional, intergeracional e acolhedora. Contemporânea, não apenas honrando a história cristã e a tradição denominacional, mas olhando com esperança, inovação e criatividade para as formas e maneiras de ser igreja relevante no século 21. Missional, pois está consciente das mudanças socioculturais bem como reconhece que para impactar a cidade ela precisa ser uma comunidade urbana. Intergeracional, para ser uma família para as gerações, servindo igualmente as necessidades e prioridades de todas as idades, respeitando e valorizando suas diferenças. E acolhedora, pois é receptiva aos participantes e aos visitantes, bem como sensível às suas dificuldades para compreender e assimilar os costumes, tradições e linguagem cristã.

3.4. Estratégias

As estratégicas são metas bem planejadas e organizadas em torno de resultados realistas, mensuráveis e específicos, resultantes da espiritualidade bíblica, da missão teológica e da visão ministerial saudável. Em outras palavras “como nós iremos saber se estamos chegando lá?” Líderes devem pensar especificamente em estratégias que respondam aos desafios externos e internos: com relação ao mundo digital (mídias sociais e realidade virtual); às questões urbanas (justiça social e igreja como espaço comunitário); aos temas missionais (plantação de igrejas e missões urbanas); aos ministérios intergeracionais (eventos, cultos e grupos); e assim por diante. O desafio só será alcançado com objetivos adaptáveis ao contexto, através de um sábio planejamento baseado na compreensão das necessidades dos não-alcançados, do “know-how” da igreja local (ou seja, a partir dos dons, talentos e habilidades de seus membros) e, diferentemente de uma empresa ou organização, na dependência absoluta do Espírito Santo. Acima de tudo, estratégias são documentos repletos de fé. A falta de estratégias limitará com certeza o desenvolvimento da comunidade.

4. Conclusão

Como a igreja local poderá fazer isso na prática? Orem e adorem juntos, busquem ao Senhor, confessem suas limitações e apatia espiritual. Reúnam o maior número de líderes representantes de todos os grupos sociais da igreja. Peçam a Deus que lhes deem a missão, a visão e as estratégias. Escrevam à medida que Deus lhes falar. O que não pode ser escrito com clareza ainda não existe ou não está suficientemente pronto. Algumas perguntas podem ajudar a liberar a visão com mais clareza: Enquanto pensam sobre o futuro da igreja nos próximos 5-10 anos, quais seriam alguns ministérios chaves que acreditam que Deus gostaria que mantivessem? Quais são as coisas mais importantes, as quais creem que Deus gostaria que realizassem? Que projetos e ministérios entendem que Deus não gostaria que a igreja se envolvesse no futuro? O que com certeza devem evitar? Finalmente promovam ocasiões para que a missão, visão e estratégias se desenvolvam e amadureçam. Isso não acontece em duas ou três semanas. É como escrever um livro. Levará meses.

Bibliografia

SCHALLER, Lyle, *Small Congregation, Big Potential: Ministry in the Small Membership Church*. New York: Abinbdon Press, 2004.



Sobre o autor

Rubens Muzio é doutor em teologia pastoral, coordenador de REDE - Instituto de Revitalização e Desenvolvimento de Igrejas, professor da FTSA e missionário da Sepal.

Contato com o autor: rubens@ftsa.edu.br.



PÓS-GRADUAÇÃO

PRESENCIAL NA FTSA

ESPECIALIZAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO
PARA ENFRENTAR NOVOS DESAFIOS



[Práxis 05 (2019) 48-54]

NASCE UMA IGREJA, MORRE UM GIGANTE

Por Sidney Costa

NASCE UMA IGREJA, MORRE UM GIGANTE

Por Sidney Costa

A ONU tem uma publicação sobre os gigantes que assolam a humanidade, e dentre os 17 maiores desafios a serem vencidos, alguns deles estão relacionados a questões de alma, valores e relacionamento com o próximo.¹ A igreja de Saddleback resume esses desafios em um único ponto e diz que o vazio espiritual é um dos maiores problemas da humanidade.

Não entendo que uma religião resolva esse vazio, mas creio que um encontro e uma conexão com Cristo preencherão o vazio que todo ser humano tem dentro de si. A humanidade precisa conhecer Cristo e ter a oportunidade de um relacionamento com Ele. Mais do que isso, Deus se movimenta no mundo para que todas as pessoas possam se conectar à Ele. Deus está em missão e sua missão é amar e resgatar o homem que Ele criou.

Jesus inicia esse movimento e organiza seus discípulos como a igreja de Cristo. Onde a igreja de Cristo está, desaparece o vazio espiritual. Onde nasce uma igreja, morre um gigante.

A igreja de Cristo é formada por todos aqueles que creem em Jesus com seu coração e confessam com seus lábios. Essa igreja se organiza em comunidades que se tornam ambientes de amor, graça e transformação de vidas. Deus não tem uma missão para essa igreja, mas tem essa igreja para sua missão. Por isso acredito que quando plantamos ou revitalizamos uma comunidade local, estamos estabelecendo o Reino através da igreja e dando a todos a oportunidade de preencher o vazio da alma e uma mudança de *mindset* que vão derrotar os gigantes da alma.

No contexto brasileiro, a plantação de igrejas foi algo forte na chegada dos protestantes no Brasil, criando um modelo básico de plantação de igrejas que fez com que o Evangelho se espalhasse por todo o País. Esse movimento se esfriou ao longo do tempo, e com o surgimento das igrejas neopentecostais

¹ Veja <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>. Acesso em: 11 Nov. 2019.

o movimento de plantação é caracterizado por multiplicação de algumas igrejas e seus vários locais, algo parecido como franquias de uma marca.

Nasceram grandes impérios, com líderes carismáticos, redes de televisão, a conversão de milhares de fieis e negativamente muitos escândalos de abuso espiritual e corrupção dentro da igreja. Nos últimos anos, creio que em parte como resposta a essa realidade, ressurgiu o movimento de plantação de igrejas, e isso tem acontecido através de vários projetos e organizações. Isso é bom e ruim. Bom porque tem muita gente séria envolvida e muitas igrejas saudáveis estão surgindo, mas é ruim porque, se não organizado e bem feito, poderemos estar contribuindo para novos modelos distorcidos de igreja ou novos negócios disfarçados de igrejas.

No passado—e chamo de passado os últimos 50 anos—o processo de plantação de igreja era simplificado e finalizado quando um grupo mínimo de pessoas tinha um prédio, um Pastor responsável e uma condição mínima de se auto sustentar. Essa plantação começava com um ponto de pregação que realizava cultos ao ar livre nos domingos à tarde. O ponto de pregação crescia e se tornava uma congregação que era liderada por um seminarista ou um líder com dons e paixões evangelísticos. Quando atingia um número aproximado de 50 pessoas, a igreja mãe fazia um esforço e comprava um terreno pequeno, construía um prédio, que tinha um salão de culto, algumas salas, uma pequena casa pastoral. Ordenava-se o seminarista, marcava-se um culto de organização, a emancipação era dada e uma nova plantação entrava para os relatórios daquela igreja e para as estatísticas de plantação de igreja. Muitas igrejas existentes hoje começaram assim, mas muitas delas já morreram ou estão agonizando pelos quatro cantos do País.

Há aproximadamente 20 anos surgiram novos modelos eclesiais que, dentre as muitas mudanças que propunham, estava a revisão do modelo de plantar igreja e novas ideias para revitalizar as que já existiam através de movimentos chamados de transição. Esse novo modelo de plantação de igreja traz conceitos como iniciar a plantação com um grupo base, ampliar esse grupo através de pequenos grupos, e quando criado um grupo capaz de

organizar uma reunião com crianças, uma equipe de louvor e cuidados de pessoas, fazer então o culto público dando início à nova igreja.

Nesse conceito não é importante a aquisição de um lugar, mas a escolha de um local com boa localização, de fácil reconhecimento na cidade e à medida que o grupo cresce, muda-se de lugar até chegar a um local próprio e coerente com o tamanho que a comunidade está. Novas igrejas surgiram, muitas igrejas tentaram a transição e, algumas das maiores igrejas do País hoje são fruto desses movimentos.

Hoje temos organizações que nasceram para apoiar plantadores. Essas organizações são formadas por igrejas que surgiram nos últimos anos e estão encarando a missão de apoiar novos plantadores que estejam disposto a construir comunidades relevantes e coerentes como nosso tempo.

Em geral esse processo começa com a seleção de líderes e Pastores dispostos a plantar ou revitalizar igrejas. Esses líderes passam por processos de capacitação que compreendem base teológica, eclesiológica, estratégia, vida e teologia pastoral e saem dos treinamentos com um projeto de plantação elaborados. Muitas igrejas estão nascendo assim e tem sido gratificante ver tantos líderes jovens liderando e servindo à Jesus dessa forma.

Vejo também o risco que alguns líderes tem entrado nesse movimento pela motivação errada e acabam se frustrando, pois se alguém não tem a vocação dada por Deus para isso, não existe nenhum curso capaz de preparar um plantador se ele não tiver um chamado específico para isso. Alguns também enxergam na plantação a possibilidade de ter a sua igreja e gerir seus recursos em benefício próprio, como se fossem empreendedores abrindo seu negócio. Isso dá errado, machuca as pessoas e denigre a imagem da igreja de Jesus.

Plantação e revitalização de igreja é um jeito de cumprir e servir na missão de Deus, mas precisa ser feito com temor, amor, responsabilidade, coerência e muito trabalho. Toda plantação deveria ter como alvo estabelecer igrejas cristocêntricas, contextualizadas e engajadas na missão.

Plantar ou revitalizar uma igreja significa identificar um contexto, decodificar os códigos culturais desse lugar e apresentar o Evangelho nesse contexto. A partir desse movimento pessoas serão redimidas pelas palavras de Jesus, suas histórias de vida transformadas e elas se juntam em uma comunidade. Quando isso acontece, nasceu a comunidade e podemos dizer que uma igreja foi plantada ou revitalizada, caso já existisse ali anteriormente, mas ainda não tinha claro esse engajamento na missão.

A plantação passa por um processo de fundamentação teológica e doutrinária tendo Cristo como centro de tudo, segue pela construção de um grupo de líderes que somaram suas histórias de vida com a motivação de repartir e somar essas histórias com outras pessoas. A eclesiologia é a mais simples possível e baseada no mandamento de Jesus de amar a Deus acima de todas as coisas, amar a si e amar o próximo. Esse mandamento vai se materializar em celebrações cristocêntricas, amorosas e acolhedoras.

Em cuidado pastoral através de discipulado, relacionamentos e aconselhamentos que tragam consolo e direção. E por fim, em manifestações de amor e cuidado com aqueles que ainda não fazem parte da comunidade. Pouco se fala de estrutura, prédio, orçamento, marketing. Essa infraestrutura surge para dar suporte ao grupo e não é criada para formar o grupo. A preocupação do plantador deve ser investir em vidas e levá-las à Cristo. Um plantador deve dedicar-se à construção da igreja e no futuro, se necessário, a igreja construirá um prédio. prédios servem as pessoas e não ao contrário.

Acredito que uma plantação ou revitalização sólida leva no mínimo quinze anos. Cinco anos para se estabelecer a comunidade e seus paradigmas, cinco para expandir e tornar visível na vida de mais pessoas e mais cinco para a formação de uma liderança que possa continuar cuidando da comunidade, independente do líder que a começou. Todo esse tempo não é garantia de uma plantação perene, pois uma igreja é um corpo vivo, mas certamente minimizara riscos.

Atualmente sou pastor de uma comunidade local e fazemos parte de uma rede de igrejas que tem como alvo apoiar a plantação e revitalização de

novas igrejas. Temos em nossa comunidade investido e apoiado plantadores de igreja através de um projeto chamado “Igrejas 21 – Igrejas focadas em Jesus hoje e sempre.” Hoje apoiamos 72 pastores que estão envolvidos em 72 novas plantações ou revitalizações de igreja, de várias denominações, e que são divididos em três turmas de diferentes partes do Brasil e alguns do exterior.

O ponto de conexão é o compromisso de plantar ou revitalizar uma comunidade centrada em Jesus, com eclesiologia simples e funcional e engajada na missão de Deus. A estratégia é: apoiamos o Pastor, apoiamos a comunidade local, para que ambos possam trabalhar para a transformação da cidade.

O apoio pastoral é feito através de amizade, mentoria, compartilhamento de conteúdo e know-how, e suporte na implantação da comunidade. Investimentos no pastor e na sua família de uma maneira simples, sem mecanismo de controle ou filiação, mas com vínculos de amor cristão. São 12 áreas de estudo, duas semanas por ano juntos, contatos semanais ou mensais, dependendo da necessidade e suporte durante 3 anos.

O apoio para a igreja é oferecido com treinamentos locais, intercâmbios e apoio na elaboração de um planejamento estratégico a longo prazo, que tem por objetivo o alcance da cidade onde a igreja está. Participamos, em conjunto com a comunidade local, de ações na cidade para identificar possibilidades e criar conexões da comunidade com as pessoas de fora.

É um projeto bem simples, mas tem sido profundo nos relacionamentos, funcionais e práticos nas atividades e com bons resultados na vida dos pastores e as comunidades que estão liderando. Não é um projeto assistencialista, mas de formação e responsabilidade de quem está liderando. Não é uma rede de igrejas e nem uma franquia. Os participantes não pagam mensalidades e não levam o nome da nossa comunidade. Eles recebem suporte e amor em igualdade, coerência e respeito.

Jesus é a esperança para o Mundo e a igreja é a responsável por levar Jesus ao Mundo. Acredito que as maiores igrejas ainda serão plantadas. Creio que todos os lugares do Mundo são fáceis e ao mesmo tempo difíceis. Fáceis

porque Jesus já chegou lá e difíceis porque plantar uma igreja é bastante trabalhoso. O plantador precisa amar primeiro à Cristo, amar um lugar, ter a motivação correta e estar disposto a doar sua vida para que pessoas tenham vida. Plantação de igreja não é um ministério e muito menos um negócio. Plantação de igreja é uma das maneiras que Jesus nos deu para dissipar o mal e estabelecer o Reino da Paz, Graça e Amor.

Você já pensou em fazer isso? Se estiver disposto a enfrentar gigantes com a certeza que vai derrotá-los, plante uma igreja centrada em Jesus e você viverá essa experiência.



Sobre o autor

Sidney Costa é Pastor Titular da Igreja Batista Memorial de Alphaville/SP, Líder do Projeto Igrejas 21 e Presidente da FOCCO (uma organização social baseada em economia compartilhada e gestão colaborativa).

Contato com o autor: sidney@ibmalphaville.org.br

PREPARANDO VIDAS PARA SERVIR O REINO DE DEUS



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA
Preparando Vidas para servir o Reino de Deus

[43] **3371-0200**



www.ftsa.edu.br

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA

Preparando Vidas para servir o Reino de Deus